



**MIDAS**

Museus e estudos interdisciplinares

**7 | 2016**

**Varia**

---

## Sharon Macdonald – *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*

Elsa Peralta

---



### Edição electrónica

URL: <http://midas.revues.org/1056>

ISSN: 2182-9543

### Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues,  
Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da  
Silva, Ana Carvalho

### Refêrencia eletrónica

Elsa Peralta, « Sharon Macdonald – *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today* », *MIDAS* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 28 Novembro 2016, consultado no dia 10 Janeiro 2017. URL : <http://midas.revues.org/1056>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 Janeiro 2017.



Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

---

# Sharon Macdonald – *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*

Elsa Peralta

---

## REFERÊNCIA

Macdonald, Sharon. 2013. *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today*. Londres: Routledge. 293 páginas, ISBN: 9780415453349.

- 1 *Memorylands: Heritage and Identity in Europe Today* é um livro de síntese que assinala o culminar de anos de trabalho da antropóloga britânica Sharon Macdonald sobre os temas relacionados do património, da memória e da identidade em contextos europeus. Em *Reimagining Culture: Histories, Identities and the Gaelic Renaissance*, de 1997, situava o eixo analítico entre o local e o global, focando o seu olhar na questão dos muitos “renascimentos identitários” de escala local e regional que à época – nos anos 1990 e na era dos globalismos eufóricos – pareciam vaticinar o fim dos nacionalismos europeus. Mais tarde, em *Behind the Scenes at the Science Museum*, de 2002, debruça-se sobre a centralidade da instituição museal na construção da modernidade europeia, através de uma abordagem processualista feita de negociações e arbitrariedades na melhor tradição da antropologia social britânica da qual ela é uma representante de destaque. Por fim, em *Difficult Heritage: Negotiating the Nazi Past in Nuremberg and Beyond*, de 2008, traz-nos uma brilhante análise do valor material, afetivo e político da herança nazi na paisagem cultural e moral da Europa contemporânea – neste caso lançando um olhar paradigmático à cidade de Nuremberga. Estes livros, bem como muitos outros dos textos escritos de Sharon Macdonald, são atravessados por localismos, nacionalismos, cosmopolitismos e globalismos, múltiplas escalas de análise e múltiplas identificações que, no seu conjunto, constituem a ideia agora feita síntese em *Memorylands*: a ideia do “complexo de memória europeu”.

- 2 Com efeito, é este “complexo” que Sharon Macdonald apresenta como eixo analítico central da proposta teórica e epistemológica de *Memorylands*, definindo-o, logo na «Introdução» do livro, como a «montagem [assemblage]<sup>1</sup> de práticas, afetos e coisas físicas que inclui tais partes como serviços memoriais, nostalgias e artefactos históricos» (p. 6)<sup>2</sup>. Esse “complexo de memória europeu”, é assim, segundo Macdonald, um repertório de formas de “presenciamento do passado” (*past presencing*), composto por diferentes elementos, que são combinados de forma mais ou menos arbitrária para formar estruturas que oferecem formas de entendimento sobre o passado e sobre a experiência. Neste “aglomerado” de conteúdos, o novo convive com o velho, o local com o global e múltiplos “restos” de passados acumulados misturam-se com muitos presentes, produzindo uma imagem ideal, sempre em mutação, feita de inúmeros componentes<sup>3</sup>.
- 3 Adotando esta perspetiva, Sharon Macdonald entende a Europa como uma *Memoryland*, uma paisagem de memória, “composta” por um repertório de lembranças. Estas lembranças incluem tanto referentes materiais como imateriais do passado, tais como museus, sítios históricos, monumentos, memoriais, objetos do quotidiano, testemunhos orais, ruínas, sentidos e sentimentos, que são constantemente “presentificados”. Tal como em Halbwachs (1992), a memória é, portanto, uma “coisa” do presente: uma reconstrução seletiva do passado vivido a partir dos “quadros” de recordação do presente. Não se trata de recapturar o passado “tal como aconteceu”, mas de apreender os variados e complexos “determinantes” sociais, históricos e ambientais que enquadram a recordação (presente) do passado. Ou tal como Henri Bergson, numa perspetiva mais fenomenológica sobre a materialidade da memória também abraçada por Sharon Macdonald neste trabalho, a memória seria esse passado de que não se lembra; apenas que se repete constantemente no presente através da matéria (Bergson [1896] 1991, 223).
- 4 Do ponto de vista analítico, a utilização desta perspetiva pressupõe identificar os diversos agentes, práticas, objetos, discursos e investimentos afetivos, bem como os múltiplos cursos de ação, negociações, conflitos e contradições envolvidos na ativação memorial. Partindo de conceitos e de metodologias da antropologia social e cultural, *Memorylands* traz-nos assim um entendimento mais profundo e mais fino das muitas *nuances* que acompanham os processos culturais envolvidos na forma como as pessoas e as sociedades se relacionam com o passado. Questões de autenticidade e de temporalidade, musealização e turistificação, incorporação, nostalgia e comemoração, são abordadas ao longo dos nove capítulos do livro e são tratadas como uma “montagem” (*assemblage*) contingente, que é construída e moldada por diferentes agentes e agendas – pessoais e institucionais – e que resulta em diferentes formas memoriais, que se reatualizam à medida das necessidades de cada presente (Lowenthal 1985). *Memorylands* traz-nos, portanto, uma abordagem viva e dinâmica à forma como a memória e o passado são reconfigurados na Europa contemporânea, através de diferentes materializações e performances, através das quais emergem também diferentes formas de identificação – local, regional, nacional, europeia, global – que, embora variadas e por vezes conflituais, compõem o mesmo complexo mnemónico europeu.
- 5 Dando conta desta condição epistemológica de “repertório”, os capítulos do livro são ensaios ecléticos – no contexto de análise, no objecto e nos objetivos. Utilizando uma metodologia também ela eclética – combinando etnografia, fontes históricas e metodologias inovadoras – os casos tratados são imensamente variados. A tese da invenção das tradições que marcou a agenda construcionista dos estudos da “memória oficial”, assinalando a ênfase na memória pública (capítulo 2), combina-se com o foco nas

memórias privadas e nas complexidades dos relatos testemunhais (capítulo 3), e com as questões de memória sensorial, afeto e incorporação em espaços domésticos e quotidianos (capítulo 4). A análise da turistificação mercadológica do passado a partir dos consumos globais (capítulo 5), é colocada a par com questões de musealização da vida quotidiana e de ambiências banais (capítulo 6). E, por fim, o debate em torno das identidades nacionais, incluindo as suas formas transculturais e inclusivas (capítulo 7), não dispensa uma discussão sobre a suposta «transição das culturas de memória nacional para culturas de memória cosmopolita» (p. 188) (capítulo 8). Estes capítulos são atravessados por exemplos tanto das margens como de centros metropolitanos, tanto das escalas micro e local como das escalas nacional e global, tanto da vida quotidiana das pequenas comunidades como das comemorações e consumos de massa, tanto do potencialmente disruptivo, traumático e “difícil”, como dos projetos inclusivistas da *cosmópolis*. Para terminar, enfim, com uma discussão sobre o futuro da memória na Europa e sobre o esquecimento do passado, lembrando, à boa maneira da tradição empírica antropológica, que esquecer, longe de ser apenas um artifício compulsório das estruturas de poder, tem tanto quanto lembrar uma natureza produtiva do ponto de vista social (capítulo 9).

- 6 Fortemente ancorado e fundamentado na disciplina da antropologia social e cultural, embora necessariamente em diálogo com outras tradições disciplinares, *Memorylands* é um livro que consegue simultaneamente alcançar uma substancial profundidade teórica, manter um foco analítico claro, e ainda arriscar formas metodológicas e experimentos epistemológicos criativos e intelectualmente desafiantes. Além do mais, este livro ao mesmo tempo que nos oferece estimulantes elaborações em torno de um leque vasto de fenómenos de “presença do passado” – nas palavras de Sharon Macdonald *past-presencing* – associados às operações da memória, quer como uma experiência pessoal, quer como um potencial instrumento de poder social, também tem a virtude de fornecer uma introdução clara e competente às genealogias, debates e terminologias do campo de estudos da memória e seus campos afins – tais como os estudos do património e dos museus – os quais detêm finalmente uma posição firme no âmbito disciplinar das ciências humanas e sociais.

---

## BIBLIOGRAFIA

Bergson, Henri. (1896) 1991. *Matter and Memory*. New York: Zone.

De Landa, Manuel. 2006. *A New Philosophy of Society: Assemblage Theory and Social Complexity*. London: Continuum.

Deleuze, Gilles, e Felix Guattari. 2007. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Tradução de Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Halbwachs, Maurice. 1992. *On Collective Memory*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lowenthal, David. 1985. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.

Macdonald, Sharon. 2009. "Reassembling Nuremberg, Reassembling heritage." *Journal of Cultural Economy* Vol. 2, 1-2: 117-34.

Peralta, Elsa. 2013. "A Composição de um Complexo de Memória Imperial: O Caso de Belém, Lisboa." In *Cidade e Império: Dinâmicas Coloniais e Reconfigurações Pós-coloniais*, organizado por Nuno Domingos e Elsa Peralta, 61-407. Lisboa: Edições 70.

## NOTAS

1. Mantém-se a referência ao termo original pelo facto de termos como "montagem", "conjunto", "aglomerado" ou termos afins, não traduzirem com exatidão formal e conceptual o termo *assemblage* que, por isso, é frequentemente utilizado como conceito na sua forma linguística original.

2. Tradução da autora.

3. Este entendimento da noção de complexo é similar à noção de *assemblage* na forma como tem sido utilizada em anos recentes na teoria social e cultural. Refere-se a um qualquer número de "coisas", ou pedaços de "coisas", reunidos num único contexto. A fluidez, a permutabilidade e as múltiplas funcionalidades são enfatizadas, ao invés de totalidades orgânicas. Produto de processos historicamente específicos, estes complexos são sempre emergentes e contingentes, ainda que as suas identidades se possam tornar bastante estáveis. Sobre *assemblage theory* ver Deleuze e Guattari (2007) e De Landa (2006). Sobre a utilização desta perspectiva no campo da memória e do património ver Macdonald (2009) e Peralta (2013).

---

## AUTORES

### ELSA PERALTA

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEC-FLUL),  
Portugal, [elsa.peralta@campus.ul.pt](mailto:elsa.peralta@campus.ul.pt)